

# LISTAGEM FLORÍSTICA DA RESTINGA DA MERCK, SÃO JOSÉ DE RIBAMAR, MARANHÃO

Bruna Emanuele F. Correia<sup>1</sup>, Flávia C. V. Serra<sup>2</sup>, Eduardo B. Almeida Jr.<sup>3</sup>

1. Estudante de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Maranhão - UFMA; \*brunaemanuelecorreia@hotmail.com

2. Estudante do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação, Universidade Federal do Maranhão - UFMA;

3. Professor do Departamento de Biologia, Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Palavras Chave: riqueza, litoral maranhense, Nordeste

## Introdução

Considerando o litoral do Nordeste, há uma lacuna no registro florísticos das áreas de restinga no estado do Maranhão (ZICKEL *et al.*, 2004). Alguns estudos foram realizados no litoral maranhense, porém tais pesquisas não chegam a ser publicadas, o que dificulta as análises e possíveis comparações entre áreas.

Com isso, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento florístico em uma área de restinga da Ilha do Maranhão, descrever as fisionomias presentes e analisar a similaridade com a flora das restingas do Estado do Piauí, possibilitando assim o conhecimento inicial da flora do litoral Maranhense, subsidiando dados para estudos futuros sobre as restingas do Nordeste.

## Resultados e Discussão

As coletas foram realizadas na restinga localizada no Sítio Aguahy (02°38'47.85"S, 44°09'05.76"W), no Município de São José de Ribamar, porção extremo leste da Ilha do Maranhão. O Sítio possui uma área de cerca de 400 ha, considerando a transição de uma área de floresta amazônica sazonal, mangue e restinga.

As coletas foram realizadas entre junho de 2012 à julho de 2014 abrangendo somente espécies de estágio reprodutivo, percorrendo toda a área de restinga com caminhadas exploratórias. A identificação dos táxons, descrição das fisionomias e caracterização das formas de vida foram baseadas em literatura especializada (Raunkiaer 1934, Silva & Britez 2005, APG III 2009). A análise de similaridade dos dados se deu pela técnica de ordenação MDS seguida pela análise de ANOSIM.

Foram listadas, 116 espécies fanerogâmicas, distribuídas em 100 gêneros, pertencentes a 52 famílias. No presente estudo foram observados 23 novos registros de ocorrência para o litoral do Maranhão. As famílias com maior número de espécies foram Fabaceae (18 spp.), Cyperaceae (nove spp.), Rubiaceae (oito spp.), Poaceae (seis spp.), Myrtaceae (cinco spp.), Asteraceae e Malvaceae (quatro spp. cada) correspondendo a 46% das espécies encontradas. As famílias mais representativas neste estudo, também foram referenciadas em outros estudos de restingas nordestinas.

Foram contabilizados 23 novos registros de espécies para o litoral do Maranhão. Dentre estas, cinco espécies - *Duguetia surinamensis* R.E. Fr., *Dioclea reflexa* Hook. f., *Utricularia fimbriata* Kunth, *Duroia macrophylla* Huber e *Manilkara bidentata* (A. DC.) A. Chev. - têm distribuição restrita ao Bioma Amazônico, e três que são registradas na Floresta Atlântica - *Paepalanthus caldensis* Malme, *Guilandina bonduc* L., *Ouratea fieldingiana* Engl. As demais espécies podem ser amplamente observadas em outros ecossistemas (FLORA DO BRASIL, 2015).

Quanto às formas de vida, foram identificados 41 Nanofanerófitos (correspondendo a 35,3%), 34 Terófitos

(29,3%), 15 Caméfitos (12,9%), 10 Microfanerófitos (8,6%), seis Hemicriptófitos (05,1%), cinco Lianas (04,3%), duas Trepadeiras (01,7%), duas Hemiparasitas (1,7%) e uma Parasita (0,8%). A restinga apresentou porte arbustivo a arbóreo baixo, sem indicações de influência antrópica. A restinga apresentou três fisionomias distintas: o campo inundável, o fruticeto não inundável e a floresta não inundável.

A restinga estudada não demonstrou afinidade com as restingas de Ilha Grande, Parnaíba e Luís Correia, no Estado do Piauí. Todavia, cabe destacar que o número pequeno de áreas analisadas, principalmente no Maranhão, impossibilitou maiores discussões a respeito da comparação. Além disso, a ausência de similaridade florística entre estas restingas pode ser influenciada pela heterogeneidade da composição florística destas ao longo da costa brasileira (ROLLO *et al.*, 2013), ou ainda por estar situada próxima a fragmentos de Floresta Amazônica, que pode ter contribuído com a colonização e desenvolvimento das espécies vegetais do Sítio Aguahy.

## Conclusões

Diante dos dados observados na lista florística e na caracterização fisionômica da área, podemos considerar que a restinga estudada trata-se de uma área em bom estado de conservação, com elevada riqueza de espécies, variedade de fisionomias e pouca influência antrópica. E o número de registros de novas ocorrências no presente trabalho reforça a ideia que ainda há muito a ser explorado quanto ao conhecimento da riqueza de espécies vegetais das áreas litorâneas maranhenses.

## Agradecimentos

Ao CNPq pela concessão da bolsa (PIBIC/ UFMA) da primeira autora; a FAPEMA, pela bolsa de mestrado da segunda autora e de produtividade do último autor, além do financiamento do projeto Flora Maranhense: Ampliação e Informatização da Coleção Botânica do Herbário do Departamento de Biologia – UFMA (Processo 2887/12).

**Lista de Espécies da Flora do Brasil.** 2015 Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 25 Mar. 2015.  
 RAUNKIAER, C. **The Life Forms of Plants and Statistical Plant Geography.** Oxford, Clarendon. 1934.  
 ROLLO, T. C., MAGENTA, M. A. G., NAKASATO, M. V., GIORDANO, F., & LAPO, C. A. Restinga Vegetation on Ilha Comprida: Conservation Conditions and a Comparative Study with other Environmental Protection Areas of São Paulo State-Brazil. **Unisanta BioScience**, v. 2, n. 1, p. 52-65, 2013.  
 SILVA, S.M.; BRITZ, R.M. A vegetação da planície costeira. In: MARQUES, M.C.M.; BRITZ, R.M. (orgs.). **História Natural e Conservação da Ilha do Mel.** Curitiba: Ed. UFPR, 2005.  
 ZICKEL, C.S. VICENTE, A., ALMEIDA JR., E.B., CANTARELLI, J.R.R.; SACRAMENTO, A.C. Flora e Vegetação das restingas no Nordeste Brasileiro. In: ESKINAZI-LEÇA, E.; NEUMANN-LEITÃO, S.; COSTA, M.F. (Eds.). **Oceanografia: um cenário tropical.** Recife: Bargaço. p. 689-701. 2004.